

Prosopografia de grupos sociais, políticos situados historicamente: método ou técnica de pesquisa?

Lorena Madruga Monteiro¹

Resumo

A abordagem prosopográfica tem sido questionada em diferentes domínios disciplinares quanto a sua natureza científica. O debate se a prosopografia é uma técnica, um instrumento de pesquisa, uma ciência auxiliar ou método transparece nos argumentos e pressupostos científicos daqueles que se dedicam a explicar a pesquisa prosopográfica. Nas Ciências Sociais, por exemplo, a prosopografia não é vista apenas com um instrumento de pesquisa, mas como um método associado a um construto teórico de apreensão do mundo social. Os historiadores que utilizam a análise prosopográfica, por sua vez, oscilam sobre se a análise de biografias coletivas é um método ou uma técnica de pesquisa. Dada esta configuração objetivou-se, neste artigo, problematizar o enfoque prosopográfico a partir de seus diferentes usos. Para tanto, realiza-se uma revisão bibliográfica, demonstrando a prosopografia como técnica de pesquisa histórica, e após, como um método de análise sociológica, para então destacar seus procedimentos e limites metodológicos.

Palavras-chave: Prosopografia. Sociologia. História. Método. Técnica de pesquisa.

Prosopography of social and political groups historically located: method or research technique?

Abstract

The prosopographical approach has been questioned in different disciplinary domains as its scientific nature. The debate prosopography is a technique, a tool for research, an auxiliary science or method transpires in scientific arguments and those who are dedicated to explaining the prosopographical research assumptions. In the social sciences, for example, prosopography is not seen only as an instrument of research, but as a method associated with a theoretical construct to apprehend the social world. The historians that use prosopographic analysis, in turn, oscillate about the analysis of collective biography is a method or a polling technique. Given this setting we aimed at in this article, discuss the prosopographical approach from their different uses. The study presents a literature review, demonstrating the technique of prosopography as historical research, and further as a method of sociological analysis, and then highlight your procedures and methodological limits.

Keywords: Prosopography. Sociology. History. Method. Research technique.

A abordagem prosopográfica ou análise de biografias coletivas tem sido questionada em diferentes domínios disciplinares quanto a sua natureza científica. No campo da História, por exemplo, confusão se a prosopografia é uma técnica, um instrumento de pesquisa, uma ciência auxiliar ou método,

¹ Pesquisadora do Instituto de Tecnologia e Pesquisa (ITP- SE) e professora Titular I do Núcleo Interdisciplinar de Pós-Graduação do Centro Universitário Tiradentes (UNIT- AL)

transparece nos argumentos e pressupostos científicos daqueles que se dedicam a explicar a pesquisa prosopográfica.

Essa questão aparece, inclusive, nos textos fundamentais da análise prosopográfica, como no de Lawrence Stone. No artigo em que este autor trata do tema, publicado originalmente em 1971, inicialmente coloca que ela é uma das mais valiosas técnicas de pesquisa histórica, para então, no decorrer do seu texto, defini-la como um método histórico (STONE, 2011).

Nas Ciências Sociais a prosopografia não é vista apenas com um instrumento de pesquisa, mas como um método associado a um construto teórico de apreensão do mundo social. A análise de biografias coletivas adquiriu status científico nas últimas décadas por meio das investigações empreendidas por Pierre Bourdieu, dentre outros, sobre os grupos dirigentes em distintas esferas de atuação social na França (MONTEIRO, 2009). Portanto, a prosopografia está imbricada, como método, na teoria dos campos sociais de Pierre Bourdieu.

Dada esta configuração objetiva-se, neste artigo, problematizar o enfoque prosopográfico a partir de seus diferentes usos. Para tanto, optou-se por expor, primeiramente, a prosopografia como técnica de pesquisa histórica, e após, como método de análise sociológica, para então destacar seus procedimentos e limites metodológicos. Apesar de apresentar o texto dividido entre a perspectiva das Ciências Sociais e a da História, demonstra-se que a análise prosopográfica pode ir além das perspectivas disciplinares, constituindo-se, desse modo, numa abordagem interdisciplinar.

A Prosopografia como uma técnica na pesquisa de grupos e fenômenos historicamente situados

A prosopografia como técnica de sistematização e de análise de dados sobre grupos historicamente situados tem longa tradição na História. Trabalhos que se utilizam da análise prosopográfica emergiram, sobretudo, a partir dos anos 1970. Nesse período o enfoque predominante nos estudos historiográficos preocupou-se em determinar a composição dos parlamentos, dos grupos administrativos e das elites locais em determinados períodos históricos (CHARLE, 2006b).

Anteriormente, porém, a utilização da prosopografia estava circunscrita a História da Antiguidade e da Idade média através da análise do pessoal administrativo e do *entourage* dos grandes soberanos dos principais Estados da Europa. Na França e na Itália o interesse nesse período recaía sobre os diferentes

corpos de funcionários ou de magistrados e sobre as elites eclesiásticas, intelectuais, financeiras e comerciais (CHARLE, 2006b).

Na segunda metade dos anos 1960 a análise prosopográfica foi reintroduzida em alguns países pela influência das teorias elitistas de Pareto e Mosca, e, no caso específico da França, pela ascensão de teorias alternativas à marxista na interpretação da revolução francesa (CHARLE, 2006b). Dessa forma, ao analisar os grupos antes e depois da revolução, a análise prosopográfica trouxe novos elementos à interpretação histórica, especialmente sobre as mudanças sociais, culturais, ideológicas em períodos de transição política (HUNT, 2007).

Conforme Stone (2011), a análise de biografias coletivas, como definidas pelos historiadores modernos, ou a análise de carreiras, como consideravam os cientistas sociais, e o termo prosopografia, cunhado pelos antigos historiadores, passou de um instrumento de estudo voltado para a análise das elites políticas para abarcar outros domínios, conforme sua explanação:

A prosopografia é usada como uma ferramenta com a qual se atacam dois dos mais básicos problemas na história. O primeiro refere-se às origens da ação política: o desvelamento dos interesses mais profundos que se considera residirem sob a retórica da política; a análise das afiliações sociais e econômicas dos agrupamentos políticos; a revelação do funcionamento de uma máquina política e a identificação daqueles que manipulam os controles. O segundo refere-se à estrutura e à mobilidade sociais: um conjunto de problemas envolve a análise do papel na sociedade, especialmente as mudanças nesse papel ao longo do tempo, de grupos de *status* específicos (usualmente da elite), possuidores de títulos, membros de associações profissionais, ocupantes de cargos, grupos ocupacionais ou classes econômicas; um outro conjunto de problemas refere-se à determinação do grau de mobilidade social em determinados níveis por meio de um estudo das origens familiares (sociais e geográficas), dos novatos [*recruits*] de um certo *status* político ou posição ocupacional, o significado dessa posição em uma carreira e o efeito de deter essa posição sobre as fortunas da família; um terceiro conjunto de problemas lida com a correlação de movimentos intelectuais ou religiosos com fatores sociais, geográficos, ocupacionais ou outros. Assim, aos olhos de seus expoentes, o propósito da prosopografia é dar sentido à ação política, ajudar a explicar a mudança ideológica ou cultural, identificar a realidade social e descrever e analisar com precisão a estrutura da sociedade e o grau e a natureza dos movimentos em seu interior. Inventada como um instrumento da história política, ela é agora crescentemente empregada pelos historiadores sociais (STONE, 2011, p.115-116).

Portanto, segundo Stone (2011), a partir da prosopografia seria possível abarcar as dinâmicas, os sentidos e os significados da ação política, assim como compreender o tipo de mobilidade social em distintos períodos históricos em dada sociedade. Entretanto, sua definição de prosopografia não avança para além da mera explicação dos atributos e das características dos grupos políticos e sociais específicos, como reproduzida abaixo:

A prosopografia é a investigação das características comuns do passado de um grupo de atores na história através do estudo coletivo de suas vidas. O método empregado é o de estabelecer o universo a ser estudado e formular um conjunto uniforme de questões- sobre nascimento e morte, casamento e família, origens sociais e posições econômicas herdadas, lugar de residência, educação, tamanho e origem das fortunas pessoais, ocupação, religião, experiência profissional, etc. Os vários tipos de informação sobre indivíduos de um dado universo são então justapostas e combinadas e, em seguida, examinadas por uso de variáveis significativas. Estas são testadas a partir de suas correlações internas e correlacionadas com outras formas de comportamento e ação (STONE, 2011, p.115).

Logo, Stone não associa a utilização da prosopografia com a construção de interpretações históricas mais amplas ou a edificação e comprovação de teorias. Nesse sentido,

[...] ela deveria ser vista, mais apropriadamente, como um aporte da história social que propõe novas questões e aponta para novos caminhos de pesquisa, e para e qual os problemas históricos a serem resolvidos exigem que seja utilizado um amplo espectro de métodos especificadamente históricos, mas também, em parte, aqueles de outras disciplinas (BULST, 2005, p.57).

O estudo coletivo das biografias, nesse sentido, necessita associar-se a outras técnicas de pesquisa, dependendo do objeto de investigação levantado pelo historiador. Assim, a análise de biografias coletivas (ou a prosopografia) seria a primeira etapa, uma abordagem inicial, para desvendar distintos fenômenos de investigação histórica, pois:

De uma maneira geral, podemos dizer que as estruturas políticas e sociais de certos grupos, fenômenos como a continuidade e a descontinuidade de sistemas políticos, de instituições eclesiásticas ou seculares, a ação política, a mobilidade social, a transformação social e tantos outros, não podem ser analisados com precisão sem o conhecimento prévio das pessoas. É apenas graças a este conhecimento que é possível relacionar diferentes grupos, considerando que certos indivíduos se encontram frequentemente no campo de ação de mais de um grupo. O fato de que, neste contexto, as pessoas tenham moldado instituições e tenham sido por elas também impregnadas (ainda que de maneiras bem diversas), deve ser levado em consideração em cada análise prosopográfica (BULST, 2005, p.58).

Portanto, o estudo de biografias coletivas (ou a prosopografia) é utilizado na investigação de uma diversidade de objetos, fenômenos políticos, movimentos sociais, grupos políticos, culturais e sociais, sem estar, logicamente, associada a uma teoria ou a uma interpretação histórica substantiva. Nesse sentido, pode-se considerar que o investigador de História Política, de História Social, recorre a este recurso da micro-história como uma técnica de pesquisa, dentre outras, abordagens possíveis dos fenômenos investigados.

A Prosopografia de “grupos dirigentes” como método sociológico

A partir dos anos 1970, com os trabalhos de Pierre Bourdieu e seu grupo, o enfoque prosopográfico aproximou-se das questões colocadas pela Sociologia contemporânea². Desse modo, pode-se considerar que a abordagem prosopográfica serviu como um meio, um método, para que se verificassem empiricamente as problemáticas relacionadas à produção e à reprodução dos grupos dirigentes nas distintas esferas sociais francesas.

Este enfoque metodológico centrado no ator, no agente, na biografia, possibilitou que a Sociologia proposta por Bourdieu não recaísse em explicações baseadas apenas nas grandes estruturas sociais, teorias as quais, como o marxismo e o estruturalismo, declinavam na explicação da complexidade do mundo social. Desse modo, a prosopografia enquanto “um método que utiliza um enfoque de tipo sociológico em pesquisa histórica” (HEINZ, 2006, p.9), permitiu desvendar variáveis significativas para os estudos de Pierre Bourdieu, como aspectos sociológicos de determinados grupos, os perfis sociais, o recrutamento e a reprodução social em dado contexto histórico determinado.

Entretanto, na passagem do nível micro ao macro de interpretação por meio da análise das biografias coletivas, alguns aspectos devem ser considerados quando relacionados à teoria dos campos sociais de Pierre Bourdieu. A biografia, de acordo com esse enfoque, não representa apenas uma pessoa singular, mas, acima de tudo, um indivíduo que concentra todas as características de um grupo, ou seja, reproduz a estrutura social (LEVI, 1989). Logo, em termos de análise sociológica, a descrição das categorias sociais do grupo em questão, revela a estrutura de dominação da sociedade a qual estão inseridos ou as mudanças históricas ocorridas na seleção e reprodução dos “grupos dirigentes” com o processo de autonomização e institucionalização de certas esferas sociais³.

Portanto, a biografia, nessa perspectiva, fornece os dados objetivados de certo indivíduo, ou seja, as disposições socialmente construídas que os posicionam no mundo social. Os dados biográficos, desse modo, possibilitam localizar trajetórias comuns que compartilham os mesmos princípios geradores, ou seja, um *habitus comum* daqueles situados no mesmo grupo social (BOURDIEU,

² No campo historiográfico a obra que renovou esse campo de estudos foi Burke (1991).

³ Esta perspectiva, embora considere as origens sociais como uma das variáveis mais significativas para comprovar seus pressupostos teóricos, tende a evitar uma análise balística entre origem, posição e prática social e política. Entretanto, esse objetivo nem sempre foi alcançado, uma vez que se tratando do estudo de grupos melhores situados socialmente e politicamente há uma predisposição a análises determinísticas. Sobre o perigo das inferências balísticas nesse tipo de abordagem, ver: Coninck; Godard (1989).

1996). Conforme Bourdieu (1996, p.292) a biografia construída não é o último momento da análise científica uma vez que:

A trajetória que ela visa reconstituir define-se como uma série de posições sucessivamente ocupadas por um mesmo agente ou por mesmo um grupo de agentes em espaços sucessivos [...]. É com relação aos estados correspondentes da estrutura do campo que se determinam em cada momento o sentido e o valor social dos acontecimentos biográficos, entendidos como colocações e deslocamentos nesse espaço ou, mais precisamente, nos estados sucessivos da estrutura da distribuição das diferentes espécies de capital que estão em jogo no campo, capital econômico e capital simbólico como capital específico de consagração (BOURDIEU, 1996, p.292).

Quando Bourdieu e seu grupo referiam-se à ideia de trajetória estavam tratando da objetivação do *habitus*. Essa objetivação só se torna possível a partir dos dados biográficos dos atores, uma vez que as trajetórias revelam uma série de traços pertinentes de uma biografia individual ou de um grupo de biografias (MONTAGNER, 2007). De forma diacrônica, as trajetórias revelam uma série de posições sucessivamente ocupadas por um mesmo agente ou por um grupo de agentes no espaço social, assim como as mudanças engendradas na estrutura do campo o qual esses agentes localizam-se e como se distribuem as diferentes espécies de capitais em jogo e os usos que os agentes fazem deles.

Esse tipo de recurso teórico-metodológico permitiu a análise de biografias coletivas em relação aos estudos históricos sobre grupos políticos e sociais, além da reconstrução das trajetórias, revelar a persistência de estruturas sociais em dado período histórico, ou dar indícios de mudança social. Nesse sentido,

O peso das disposições – portanto, a força explicativa da origem social - é particularmente grande quando se trata de uma posição em estado nascente, ainda antes por fazer do que ser feita, estabelecida, logo, capaz de impor suas normas próprias aos seus ocupantes; e, de maneira geral mais geral, que a liberdade deixada às disposições varia segundo o estado do campo (e, em particular da sua autonomia), segundo a posição ocupada no campo e segundo o grau de institucionalização do posto correspondente (BOURDIEU, 1996, p.300).

A partir da prosopografia Pierre Bourdieu demonstrou em *La Noblesse d'Etat: Grandes écoles et esprit de corps* (1989), dentre outras obras, a correspondência entre a origem social, a escola frequentada e a carreira profissional e política. Na investigação prosopográfica sobre o Episcopado Francês, publicada em 1982, Monique de Saint Martin e Pierre Bourdieu, evidenciaram que a origem social é o princípio que determina a posição ocupada e as tomadas de decisão dos prelados, embora não determine a trajetória seguida. Christophe Charle, em *Les élites de la République* (1987), com base nas biografias

coletivas, vislumbrou todo o campo de estratégias familiares, reprodutivas e estilos de vida da elite republicana francesa. Michel Offerlé (1999), em estudos mais recentes em relação aos citados, recorre às biografias em suas pesquisas históricas sobre as mudanças históricas no recrutamento político.

Portanto, esse tipo de análise pode ser utilizado em períodos históricos situados que revelem que tipos de recursos eram indispensáveis para constituírem-se grupos dirigentes em distintos, e por vezes, imbricados domínios sociais.

Adotando uma abordagem interdisciplinar e relacionando os dados obtidos com o método prosopográfico à explicação e à interpretação da estrutura social em distintos períodos históricos, estes estudos distanciaram-se da prosopografia proposta por Stone, baseada em apenas descobrir os atributos e as características de grupos sociais situados historicamente. Desse modo, a análise de biografias coletivas, a prosopografia, abriu um campo de possibilidades sociais às quais o investigador deve se deter, como coloca Christopher Charle (1987), permitindo inferências teóricas substantivas.

Procedimentos e limites da prosopografia

A operacionalização da pesquisa prosopográfica distingue-se, sobretudo, do seu uso anterior, quando era voltado para a catalogação dos “grandes homens” e dos “grandes feitos” da antiguidade e da Idade Média. Conforme Bulst (2005, p.48) “modificaram-se as expectativas e os objetivos ligados à pesquisa prosopográfica, bem como seus objetivos”, e assim, “são novos a intensidade e o entendimento metodológico com os quais a prosopografia hoje é exercida na pesquisa histórica”.

A utilização contemporânea da prosopografia, segundo Heinz (2006, p.9), foi “uma forma dos historiadores fazerem sociologia do passado”. Para Christophe Charle (2006a, p.25), a procura e o uso da prosopografia pelos pesquisadores atualmente é tributária “das pesquisas sociológicas de Pierre Birnbaum, de Jean-Luc Bodiguel, de Pierre Bourdieu e de Monique de Saint-Martin, sobre as elites e as grandes escolas francesas da segunda metade do século XX” que “serviram com frequência de inspiração para os historiadores”.

A prosopografia, tal como é utilizada atualmente, passa por, no mínimo, três etapas. Dependendo do grupo, da relação ou do fenômeno investigado, deve-se construir a amostra de biografias, elaborar e, a partir dos dados biográficos, aplicar o questionário, para então, através da análise de correspondência e da

comparação entre os atributos, características, perfis, posição e destino social de cada biografia, inferir as relações sociais e políticas do grupo analisado.

É um processo longo, pois envolve a pesquisa histórica, documental para compor a amostra, a compilação de resenhas biográficas para responder o questionário, e a tabulação dos dados para estabelecer uma análise relacional. Processo o qual apresenta certas limitações, uma vez que “[...] es fundamental considerar tanto a la disponibilidad de tiempo de trabajo como la cantidad de lós recursos humanos abocados a la investigación” (FERRARI, 2010, p.541).

Uma das limitações da análise de biografias coletivas refere-se à representatividade da amostra. Por um lado, esse método, abordagem, procedimento científico não abrange a totalidade dos grupos sociais, uma vez que apenas aqueles indivíduos pertencentes às posições sociais, culturais e políticas mais altas estão bem documentados nos arquivos e nos dicionários biográficos. Mesmo sobre estes as informações encontradas podem ser escassas em relação à parte da amostra. Por outro, dependendo da quantidade de biografias documentadas, nem sempre a amostra será representativa do todo. Entretanto, a questão da representatividade não consiste num grave problema metodológico, dado que

Hoy tampoco es posible pretender que los resultados de una investigación de este tipo tengan un valor explicativo de la estructura social ni considerarlos generalizables. Tienen, en cambio, un valor altamente significativo, razón por la cual se debe renunciar a ambiciones de representatividad, aun hablando de un campo, y no pretender más que señalar tendencias sostenidas en la aplicación de una técnica muy sólida a la hora de analizar una configuración social y observar su evolución en el tiempo (FERRARI, 2010, p.547).

Em amostras pequenas, dependendo do objeto analisado, o pesquisador acaba buscando compreender e comparar grande quantidade de variáveis para dar conta da totalidade das questões colocadas. Em grandes amostras, acaba reduzindo, devido ao tempo, à pouca documentação encontrada, as variáveis analisadas através do questionário aplicado à totalidade das biografias.

Dessa forma, deve-se precisar o tamanho da amostra na impossibilidade de abarcar todas as variáveis em estudo, conforme adverte Charle (2006a, p.31): quanto “mais seu questionário é longo, mais sua população alvo precisa ser precisa; a escolha do alvo é primordial, pois uma amostragem arbitrária pesará permanentemente sobre os resultados” e uma alternativa para tanto seria recorrer a “pequenas amostras, saturadas de informação e, se possível, comparáveis entre si ou com aquelas de outros pesquisadores”.

Portanto, o processo de pesquisa histórica prosopográfica consiste na delimitação da amostra, no levantamento da documentação prosopográfica e a partir disso a criação de notas biográficas padronizadas conforme as variáveis levantadas no questionário, demonstrando as similaridades, as particularidades e as causalidades da população investigada, de forma quantitativa.

Contudo, estes procedimentos não explicam aqueles casos individuais que possuem características sociais diferenciadas dentro do grupo analisado (ROY; SAINT PIERRE, 2006). Esta limitação está relacionada ao fato que o método prosopográfico desenvolveu-se juntamente com a popularização dos softwares de análise quantitativa. Consequentemente, para dar conta da explicação da estrutura social através das biografias coletivas de grupos socialmente relevantes, este método carece de outras variáveis relacionadas com os processos históricos, políticos e sociais em curso, ou seja, os aspectos qualitativos. Além disso, “[...] as vantagens da quantificação do material prosopográfico abrigam o risco – que não deve ser menosprezado – de que a convergência causal de certos fenômenos cria a falsa impressão de causalidade [...]” (BULST, 2005, p.60).

Desse modo, os historiadores sociais, os cientistas sociais, somam-se ao procedimento de determinar os atributos sociais, políticos, demográficos etc; para explicar as mudanças e/ou continuidades sociais e históricas a partir de grupos sociais e políticos, outras metodologias, além da prosopografia, dependendo do problema de pesquisa que queiram elucidar.

Considerações finais

A retomada de estudos prosopográficos a partir da década de 1970 deve-se às pesquisas sobre grupos dirigentes de Pierre Bourdieu e seu grupo, e a definição de estudos prosopográficos, assim como a problematização dessa abordagem realizada por Lawrence Stone.

No campo da História esta retomada teve como efeito uma revigoração de investigações ligadas aos referenciais da História Política, e uma apropriação da abordagem prosopográfica pela História Social. Em relação a este último aspecto foi um movimento no sentido de se afastar aos estudos sobre elites políticas, sobre a história dos notáveis, para ampliar seu foco de ação, abarcando os diversos grupos sociais situados historicamente.

Nas Ciências Sociais o foco continuou sendo os grupos que ocupavam posições dirigentes, não apenas políticas, mas com outra ênfase. Deixou de considerar a prosopografia como análise de carreiras e de histórias de vida para

torná-la um método objetivo de compreensão do mundo social. A partir da análise das biografias coletivas foi possível construir e validar a teoria dos campos sociais, assim como investigar as estruturas de dominação presente nestes campos, e suas mudanças diacrônicas.

O interesse em questões relacionadas à mobilidade social também fizeram parte das análises prosopográficas realizadas pelos historiadores. Entretanto, ao que parece, dado o debate presente se a prosopografia é um método, uma técnica ou uma ciência auxiliar da História, seus estudos ainda não ultrapassaram a descrição dos grupos, evidenciando, em alguns casos, algumas variáveis consideradas cruciais, como a origem familiar (BULST, 2005).

Conforme Charle (2006a), inferências mais substanciais no campo da História carecem de mais estudos comparativos de longa duração. Assim como permitiriam a construção de teorias ou comprovação de pressupostos teóricos a partir da análise de biografias coletivas.

Entretanto, tanto no campo das Ciências Sociais, quanto da História, a prosopografia será considerada um método ou uma técnica auxiliar de pesquisa conforme a construção do objeto de investigação. Portanto, a abordagem prosopográfica terá determinado papel na construção do conhecimento, independentemente da área disciplinar, conforme o peso e a importância que o pesquisador atribuir a este modo de abordagem científica.

Referências

BOURDIEU, Pierre. A Ilusão biográfica. In: **Razões práticas: Sobre a teoria da ação**. Campinas: Papius, 1996.

BOURDIEU, Pierre. **La Noblesse d'état. Grandes écoles et esprit de corps**. Paris: Les Éditions de Minuit, 1989.

BULST, Neihard. Sobre o Objeto e o método da prosopografia. **Politeia: História e Sociedade**, Vitória da Conquista, v. 5, n. 1, 2005.

BURKE, Peter. **Veneza e Amsterdã: um estudo das elites do século XVII**. São Paulo: Brasiliense, 1991.

CHARLE, Christophe. Como Anda a História social das elites e da burguesia? In: HEINZ, Flávio (Org.). **Por Outra História das elites**. Rio de Janeiro: FGV, 2006a.

CHARLE, Christophe. A Prosopografia ou biografia coletiva: Balanço e perspectivas. In: HEINZ, Flávio (Org.). **Por Outra História das elites**. Rio de Janeiro: FGV, 2006b.

CHARLE, Christophe. **Les Élités de la République**. 1880-1900. Paris: Fayard, 1987.

CONINCK, Frédéric de; GODARD, Francis. L'Approche biographique à l'épreuve de l'interprétation. Les formes temporales de la causalité. **Revue Française de Sociologie**, Paris, n. XXXI, 1989.

FERRARI, Marcela. Prosopografia e história política: Algumas aproximações. **Antíteses**, Londrina, v. 3, n. 5, jan-jun. 2010.

HEINZ, Flávio. O Historiador e as elites - à guisa de introdução. In: HEINZ, Flávio (Org). **Por Outra História das elites**. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

HUNT, Lynn. **Política, cultura e classe na Revolução Francesa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

LEVI, Giovanni. Les Usages de la biographie. **Annales, Économies, Sociétés, Civilisations**, Paris, v. 44, n. 6, 1989.

MONTAGNER, Miguel. Angelo. Trajetórias e biografias: notas para uma análise bourdieusiana. **Sociologias**, Porto Alegre, a. 9, n. 17, jan.-jun. 2007.

MONTEIRO, Lorena Madruga. Estudos de elites políticas e sociais. A contribuição da Sociologia e da História. **Sociedade e Cultura**, Goiânia, v. 12, n. 1, jan-jun. 2009.

OFFERLÉ (dir). **La Profession politique**, XIXe-XXe, Paris: Belin, 1999.

ROY, Fernande; SAINT-PIERRE, Jocely. A Alta redação dos jornais de Quebec (1850-1920). In: HEINZ, Flávio (Org.). **Por Outra História das elites**. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

STONE, Lawrence. Prosopografia. **Revista de Sociologia e Política**, v. 19, n. 39, jun. 2011.

Texto enviado em: 17/04/2014
Aceito em: 03/06/2014